

A MULHER NA INDÚSTRIA CEARENSE DOS ANOS 1990

Isabela da Silva Valois*
Christiane Luci Bezerra Alves**

Resumo: *A participação da mulher no mercado de trabalho se intensificou a partir da década de 1970, num contexto de expansão econômica e acelerado processo de urbanização brasileiro. Mesmo no contexto de crise dos anos 1980, a escalada do trabalho feminino não foi interrompida. No entanto, a rápida abertura comercial expôs a indústria nacional à concorrência internacional nos anos 1990, configurando um violento processo de ajustamento, reduzindo o número de trabalhadores na indústria brasileira, com reflexos na ocupação feminina. Nesse cenário, o Ceará apresenta uma inflexão na condução de sua política econômica, a partir de 1987, o que se reflete positivamente na dinâmica econômica e na performance do emprego formal estadual de 1990 a 2000. Dada a maneira ágil como o Ceará reage ao cenário de crise e dada a tendência diferenciada apresentada pelo seu mercado de trabalho, é que se verifica a necessidade de um estudo que tenha por objetivo identificar os caminhos do emprego industrial feminino no contexto das transformações das economias brasileira e cearense.*

Palavras-chave: Mercado de trabalho; Indústria; Emprego feminino.

1 INTRODUÇÃO

A luta da mulher em busca de uma colocação no mercado de trabalho não é nova. Se a questão for mais detidamente analisada, na própria história, o peso da tradição e a cultura machista das sociedades impuseram à categoria feminina uma posição secundária, onde grande parte do trabalho realizado por elas não é sequer considerado uma atividade econômica, como no caso do trabalho doméstico, que não é remunerado.

Porém, o século XX foi marcado por fortes mudanças de paradigmas, tanto no âmbito socioeconômico, como no campo das profissões. Nos países ocidentais, registrou-se o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho, caracterizado pelo avanço da escolaridade feminina, sobretudo no nível superior de ensino, refletindo na ampliação do leque de profissões em que estas mulheres começaram a se fazer presentes. As mulheres conquistaram, com dificuldades, sua parcela no mercado formal de trabalho ao longo da história; mesmo assim, ainda enfrentam barreiras significativas quanto à ascensão profissional e ganham sistematicamente menos que os homens, até quando ocupam cargos equivalentes, têm mais anos de estudo e enfrentam a mesma jornada de trabalho.

No Brasil, a partir dos anos de 1970 fica evidente o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. O crescimento significativo do PIB durante o “Milagre Econômico Brasileiro” (1968-73) aumentou consideravelmente a oferta de empregos industriais, facilitando o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Essa tendência permanece durante toda a década

* Graduada em Economia pela Universidade Regional do Cariri – URCA (autor).

** Mestre em Economia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Professora Adjunta do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA (co-autor).

de 1970, quando são mantidos fortes investimentos no II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) e se consolida uma nova etapa do Processo de Substituição de Importações - PSI.

Na década de 1980, quando o Brasil teve que enfrentar a maior recessão de sua história, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho desacelerou, mas não parou. A crise de 1981-1983, intimamente associada à situação das contas externas do país e ao segundo choque do petróleo (1979), provocou uma reversão na tendência de crescimento anterior. O cenário de choques externos expôs a vulnerabilidade da economia brasileira (quadro de inflação, crescimento da dívida externa e ¹desestrutuação do setor público), gerando necessidade de ajustes que desaceleraram o crescimento econômico do país, refletindo-se diretamente nos empregos industriais.

Nos anos 1990, quando a abertura comercial e financeira estimulou a entrada de produtos importados e de capital estrangeiro, as condições de concorrência do mercado interno sofreram alterações. As empresas nacionais foram obrigadas a implementar “estratégias de sobrevivência”, através de novas técnicas de gerenciamento da produção e da força de trabalho, baseadas fundamentalmente na redução dos custos, estimuladas pela substituição da mão-de-obra por máquinas e equipamentos. Observa-se, portanto, um processo de ajuste às condições impostas pela concorrência internacional, marcado pela reestruturação produtiva, a qual, associada aos baixos investimentos e à terceirização da economia, provocou reflexos no mercado de trabalho, causando desemprego da força de trabalho feminina.

Ressalta-se que essa maior integração da mulher ao mercado de trabalho não é acompanhada de reduções significativas das desigualdades entre os gêneros e que ocorre em parte “através da geração de novas ocupações com baixa qualidade do posto de trabalho, com precarização das relações de trabalho e queda nos rendimentos dos trabalhadores” (MELO, 2002, p.34).

É importante enfatizar que as mudanças ocorridas atingiram a economia de forma diferenciada, e seus efeitos, portanto, manifestaram-se diferenciadamente em níveis setoriais, regionais, estaduais etc, na medida em que se observa, na economia nacional, uma forte heterogeneidade entre os estados da federação, os quais apresentam grandes assimetrias em seus níveis de desenvolvimento e de integração às economias nacional e internacional.

Em meio ao cenário de alterações estruturais na economia brasileira e justamente no período marcado pela crise fiscal do Brasil (caracterizada pela perda do crédito e aumento do déficit público, altas taxas internas de juros e taxas de crescimento relativamente baixas), o Ceará se destaca no cenário de estagnação nacional, com uma política fiscal pioneira, e políticas de incentivo à industrialização. São observadas significativas alterações na dinâmica econômica do estado nos anos 1990, que são resultado do novo modelo de gestão implementado, tais como crescimento do PIB estadual superior ao crescimento do PIB do Brasil; aumento da participação do PIB estadual nos PIBs nacional e regional; significativo aumento da participação da indústria na geração de emprego ao longo da década, bem como o aumento do número de estabelecimentos industriais implantados no período.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, enquanto verifica-se, em nível nacional, uma forte redução no emprego industrial, tendência mantida pelo nordeste brasileiro, o Ceará apresentou, nos anos 1990, considerável crescimento do emprego industrial, criando 49.580 novos postos de trabalho na indústria (VALOIS; ALVES, 2006).

Diante do exposto, dada a maneira ágil como o Estado do Ceará reagiu ao cenário de crise nacional e dada a tendência diferenciada apresentada pelo seu mercado de trabalho, entende-se ser de fundamental importância a investigação de como a força de trabalho feminina cearense se comporta dentro da dinâmica do emprego estadual. Considerando que existem

lacunas em relação a estudos que contemplem o comportamento dos gêneros em nível estadual, é que se evidencia a relevância de uma análise das relações de gênero no seu mercado de trabalho, tentando identificar os caminhos do emprego feminino no cenário de transformações das economias nacional e cearense.

Ressalta-se, aqui, que a indústria foi um setor fortemente atingido pelas transformações estruturais da economia brasileira. Particularmente no Ceará, esse setor aumenta consideravelmente sua participação na formação do PIB estadual e aparece como o segmento onde foi mais significativo o ganho de participação na geração de emprego no estado (VALOIS; ALVES, 2006). Desta forma, trabalhar-se-á, como objeto de análise, o setor industrial, particularmente as indústrias de transformação e extrativa mineral, as quais contribuem com a grande maioria dos empregos gerados nesse setor.

2 EMPREGO FEMININO NA INDÚSTRIA CEARENSE DA DÉCADA DE 1990

2.1 Mulheres na indústria: onde estão e qual o perfil das trabalhadoras industriais

A intensa abertura econômica, os baixos níveis de investimento produtivo e o processo de ajuste e reestruturação observados na economia brasileira, tiveram reflexos nos níveis de emprego da indústria nacional, prejudicando, conseqüentemente, a incorporação da mulher no mercado de trabalho nos anos 1990.

Acompanhando a nova dinâmica econômica estadual, com o crescimento do produto e dos postos de trabalho industriais, observa-se que a mão-de-obra feminina apresentou, ao longo da década de noventa, um crescimento de 22.401 novos postos de trabalho. Essa quantidade de novos empregos representa uma taxa de crescimento de 4,76% a.a. para o Ceará, superior à taxa de crescimento do emprego industrial feminino nacional, que fica em torno de 0,78% a.a. negativos, com extinção de 116.066 postos de trabalho (Tabela 1).

TABELA 1 - Ceará e Brasil
Taxa de Crescimento do Emprego Industrial Feminino
1990-2000

Anos	Ceará	Brasil
1990	37.805	1.544.401
2000	60.206	1.428.338
Tx. Cresc.	4,76	-0,78

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS.

Na análise do desempenho do emprego segundo o ramo de atividade (Tabela 2), evidencia-se a grande concentração do emprego formal no setor de serviços cearense, tanto para homens quanto para mulheres, repetindo o desempenho da economia nacional. No caso feminino, a distribuição do emprego entre os ramos mostra-se mais desigual, com serviços concentrando em torno de 70% da mão-de-obra estadual, tanto em 1990 quanto em 2000.

TABELA 2 – Ceará - Distribuição do pessoal ocupado por sexo segundo o ramo de atividade - 1990-2000

Anos	Ceará							
	1990				2000			
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%
Indústria	66.650	22,98	37.805	15,25	92.583	24,75	60.206	18,99
Construção civil	19.519	6,73	1.079	0,44	26.184	7,00	1.562	0,49
Comércio	40.774	14,06	21.704	8,76	58.874	15,74	34.379	10,84
Serviços	142.604	49,17	174.802	70,52	187.392	50,10	219.476	69,22
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	10.749	3,71	1.342	0,54	8.970	2,40	1.464	0,46
Outros/ignorado	9.745	3,36	11.137	4,49	0	0,00	3	0,0009
Total	290.041	100	247.869	100	374.003	100,00	317.090	100,00

Fonte: RAIS

Verifica-se que ao longo da década, enquanto no Brasil diminui o número de mulheres na indústria (assim como diminui o contingente masculino), no Ceará há uma maior incorporação da mulher nesse setor, que atinge 18,99% do contingente das trabalhadoras industriais em 2000.

Porém, dado que o foco de nossa análise é o setor industrial, é preciso verificar em que setor da indústria a mão-de-obra feminina se concentra. Na tabela 3, é possível observar a evolução da participação feminina pelos diversos setores industriais. A maior parcela das mulheres no total de trabalhadores, em 1990, concentrava-se nos setores de atividade que exigiam maior criatividade e manuseio, como a indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos (53,81%) – tradicionalmente, grande *locus* do trabalho feminino. Assim, nesse setor, o contingente da força de trabalho feminina supera a masculina. Destacam-se, ainda, com ocupação de um grande número de trabalhadoras as indústrias de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico (43,52%), calçados (34,43%) e indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria (31,69%).

TABELA 3 – Ceará - Distribuição do pessoal ocupado segundo sexo por setor da indústria - 1990-2000

	1990		2000	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Extrativa mineral	92,53	7,47	94,18	5,82
Indústria de produtos minerais não metálicos	91,47	8,53	94,03	5,97
Indústria metalúrgica	89,99	10,01	89,39	10,61
Indústria mecânica	91,52	8,48	87,31	12,69
Indústria do material elétrico e de comunicações	74,09	25,91	74,41	25,59
Indústria do material de transporte	92,48	7,52	88,77	11,23
Indústria da madeira e do mobiliário	91,97	8,03	88,8	11,2
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	78,95	21,05	76,45	23,55
Ind. Da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. Diversas	66,09	33,91	74,42	25,58
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perf.	68,31	31,69	76,94	23,06
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	46,19	53,81	41,29	58,71
Indústria de calçados	65,57	34,43	47,71	52,29
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	56,48	43,52	65,19	34,81
Total	62,08	37,92	59,38	40,62

Fonte: RAIS

Os menores percentuais de participação feminina estão nos ramos de atividade que exigem, em geral, maior força física, como a indústria extrativa mineral (7,47%), indústria de

produtos minerais não metálicos (8,53%), indústria mecânica (8,48%), indústria de material de transporte (7,52%) e indústria de madeira e do mobiliário (8,03%), onde o número de trabalhadores masculinos ultrapassa 90% do total da mão-de-obra da indústria.

No final da década, a distribuição da mão-de-obra feminina não se altera muito, estando basicamente concentrada nos setores considerados tradicionais. O maior percentual de mulheres ainda é apresentado pela indústria têxtil (assim como para os homens), que criou 9.628 novos postos de trabalho para a mão-de-obra feminina (Tabela 4). Isso ocorre a despeito do que se verifica em nível nacional, onde se observa um processo de “retração nas indústrias tradicionais femininas (têxtil/vestuário), expressando a dramática reestruturação e falência das têxteis nacionais ao longo do período” (MELO, 2002, p.37), sofrendo reflexos da abertura comercial e sobrevalorização cambial do Plano Real, que destruíram milhares de postos de trabalho nesse setor.

Identifica-se ligeira retração para a indústria de produtos alimentícios e indústria química de produtos farmacêuticos. O grande destaque fica por conta da indústria de calçados, que em 1990 empregava apenas 525 trabalhadoras e passa a empregar 14.269 em 2000. O setor calçadista, portanto, se destaca como ramo que acolhe mais intensamente a trabalhadora industrial, dado o salto de absorção de apenas 1,43% em 1990 para 24,01% em 2000, enfatizando a maciça transferência da indústria de calçados para o Ceará, através do incrível aumento do número de empregos neste setor (Tabela 4)

TABELA 4 – Ceará - Distribuição do pessoal ocupado por sexo segundo setor da indústria - 1990-2000

Ceará (1990-2000)	1990				2000			
	Homem	%	Mulher	%	Homem	%	Mulher	%
Extrativa mineral	1.735	2,89	140	0,38	2.556	2,94	158	0,27
Indústria de produtos minerais não metálicos	5.759	9,59	537	1,46	6.757	7,78	429	0,72
Indústria metalúrgica	4.884	8,13	543	1,48	4.918	5,66	584	0,98
Indústria mecânica	1.435	2,39	133	0,36	2.064	2,38	300	0,50
Indústria do material elétrico e de comunicações	1.021	1,70	357	0,97	983	1,13	338	0,57
Indústria do material de transporte	689	1,15	56	0,15	1.075	1,24	136	0,23
Indústria da madeira e do mobiliário	3.091	5,15	270	0,74	4.400	5,06	555	0,93
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	2.933	4,88	782	2,13	3.315	3,82	1.021	1,72
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	3.264	5,44	1.675	4,57	2.898	3,34	996	1,68
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perf.	3.571	5,95	1.657	4,52	4.741	5,46	1.421	2,39
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	16.169	26,93	18.839	51,35	20.018	23,04	28.467	47,90
Indústria de calçados	1.000	1,67	525	1,43	13.018	14,98	14.269	24,01
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	14.500	24,15	11.172	30,45	20.143	23,18	10.757	18,10
Total	60.051	100	36.686	100	86.886	100	59.431	100

Fonte: RAIS

A Tabela 4 mostra, ainda, que setores tradicionalmente masculinos como a indústria mecânica, a de madeira e a de material de transporte também apresentaram números favoráveis em relação ao ganho de participação da mulher no mercado de trabalho, comprovando o fato de que a automação industrial facilitou o acesso feminino a setores antes predominantemente masculinos.

Outro atributo do emprego industrial feminino a ser analisado é a faixa etária (Tabela 5). O envelhecimento da mão-de-obra feminina empregada é um fenômeno que se tornou tendência em nível internacional e também nacional, segundo recentes estudos sobre os gêneros no mercado de trabalho.

Tabela 5 – Ceará - Faixa etária por sexo na indústria – 1990-2000

CEARÁ ANOS	1990		2000	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
10 a 14 anos	42	23	5	3
15 a 17 anos	649	581	668	439
18 a 24 anos	15.830	11.017	25.330	16.378
25 a 29 anos	13.818	9.285	18.351	13.252
30 a 39 anos	16.684	10.443	26.334	20.277
40 a 49 anos	8.198	3.975	11.190	7.601
50 a 64 anos	4.052	1.044	4.756	1.455
65 anos ou mais	263	23	241	24
Ignorado	515	295	11	2
Total	60.051	36.686	86.886	59.431

Fonte: RAIS

O Ceará repete os números apresentados pelo Brasil em relação à idade das trabalhadoras industriais. Observa-se que houve envelhecimento da mão-de-obra feminina, passando a concentração das trabalhadoras da faixa de 18 a 24 anos para a de 30 a 39 anos. Também houve crescimento significativo na faixa dos 40 aos 49 anos.

Tanto para o Ceará, quanto para Brasil, houve queda ao longo da década, nas duas primeiras faixas de idade, onde a população mais jovem está inserida (menos de 18 anos). O envelhecimento da mulher na indústria é, provavelmente, resultado do aumento do nível de escolaridade feminino, do acesso a informações e métodos anticoncepcionais, e do adiamento da maternidade. Por outro lado, a redução nas faixas de menor idade pode significar a ausência/insuficiência de políticas públicas de incentivo ao primeiro emprego, dificultando a entrada da mulher jovem no mercado de trabalho, que não tem como comprovar experiência profissional (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1998).

Já é consenso, na literatura nacional, que o número de anos de estudo é maior entre as mulheres do que entre os homens. A Tabela 6 confirma esta afirmação, com o Ceará repetindo a tendência nacional.

Tabela 6 – Ceará – Escolaridade média por sexo na indústria 1990-2000

Anos	Homens	Mulheres
1990	5,51	5,84
1991	5,67	6,19
1992	5,75	6,02
1993	6,42	7,95
1994	6,04	6,34
1995	5,95	6,47
1996	5,90	6,12
1997	6,22	6,57
1998	6,54	7,10
1999	6,72	7,40
2000	6,86	7,58

Fonte: Elaboração própria a partir da RAIS

Entre 1990 e 1995, há uma certa oscilação, mas a partir de 1996 cresce ininterruptamente o número de estudos para homens e mulheres. As mulheres têm mais tempo de estudo e, em todos os anos da década de 1990, superam o gênero masculino. Observa-se que em 1993 há um pico de 7,95 anos médios de estudo para as trabalhadoras industriais cearenses, que chegam nos últimos anos da década com uma média superior aos setes anos de estudo.

Desagregando a análise para faixas de níveis de escolaridade, a Tabela 7 mostra que, no Ceará, em 1990, os maiores percentuais de mulheres trabalhadoras da indústria concentravam-se em faixas salariais que iam desde a 4^o série incompleta até a 8^o série completa. Entre 1990 e 2000, acompanhando a tendência nacional, há ganho de anos de estudo, favorecendo o aumento do percentual de mulheres em faixas mais elevadas de escolaridade (desde a 8^o série incompleta até o superior completo). Observando as taxas de variação para os níveis estadual e nacional, identifica-se uma variação negativa para faixas de escolaridade mais baixas (analfabeto à 4^a série completa)¹. Isto indica que vem reduzindo o número de mulheres pouco instruídas, principalmente em relação aos homens, que apresentam variações negativas menores e, no caso do Ceará, apresenta variação positiva na faixa de analfabetos. É também neste estado que ocorre a maior variação positiva de mulheres que possuem o nível superior completo, superando até o nível nacional, apesar do número de trabalhadoras nessa faixa escolaridade ainda ser pouco representativo. Estes números são reflexos provavelmente da queda da taxa de fecundidade e da evolução dos valores sociais femininos que permite que as trabalhadoras percebam que mulheres mais instruídas e com menor número de filhos (quando não retardam a decisão de constituir família) têm mais chance de competição com os homens no mercado de trabalho (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1998). Outra possível explicação para a elevação da escolaridade feminina está na criação de políticas de incentivo à educação, que interiorizaram o ensino superior estadual e federal, além de centros de ensino tecnológico e profissionalizante.

Tabela 7 – Ceará – Faixa de escolaridade por sexo na indústria – 1990-2000

CEARÁ	1990				2000			
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%
Analfabeto	2.701	4,50	891	2,43	2.811	3,24	554	0,93
4ª série incom.	15.198	25,31	8.704	23,73	11.137	12,82	3.705	6,23
4ª série com.	10.803	17,99	5.652	15,41	9.507	10,94	4.831	8,13
8ª série incom.	11.973	19,94	8.699	23,71	21.074	24,25	16.443	27,67
8ª série com.	7.764	12,93	4.887	13,32	18.204	20,95	14.558	24,50
2º grau incom.	3.547	5,91	2.574	7,02	8.190	9,43	7.111	11,97
2º grau comp.	5.447	9,07	3.951	10,77	13.254	15,25	10.604	17,84
Superior incom.	731	1,22	343	0,93	1.008	1,16	592	1,00
Superior com.	1.252	2,08	658	1,79	1.701	1,96	1.033	1,74
Ignorado	635	1,06	327	0,89	0	0,00	0	0,00
Total	60.051	100,00	36.686	100,00	86.886	100,00	59.431	100,00

Fonte: RAIS

2.2 Padrões de qualidade no emprego industrial feminino

Dentro de uma análise mais qualitativa do emprego industrial, a Tabela 8 revela a situação precária da mulher na indústria cearense, a partir da análise do tempo de serviço na indústria.

¹ Para acompanhar as taxas de variação referidas, ver VALOIS, ALVES, 2007.

Tabela 8 – Ceará – Tempo de serviço por sexo na indústria – 1990-2000

ANOS	1990		2000	
	Homens (%)	Mulheres (%)	Homens (%)	Mulheres (%)
Menos de 2	53,73	49,68	53,91	58,68
2 a 3	12,17	14,21	12,81	13,13
3 a 5	16,10	19,19	14,34	14,19
5 ou mais	17,86	16,83	18,,88	13,95
Ignorado	0,13	0,09	0,06	0,05
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte:RAIS

Um dos indicadores que tem caracterizado a tendência de precarização das relações de trabalho no Brasil é a elevada rotatividade da mão-de-obra. O argumento utilizado é que a alta rotatividade diminui, por exemplo, os investimentos em treinamento da mão-de-obra, o que pode prejudicar a produtividade, além disso, incentiva a informalização da economia (GONZAGA, 1998). Esse alto nível de rotatividade é explicado, segundo Baltar (1996), pela facilidade que as empresas têm de admitir e demitir mão-de-obra (adequando o número de empregados ao ritmo de produção e das vendas – contratações sazonais), o que influencia na qualidade do emprego no Brasil.

Acompanhando a tendência nacional, observa-se no Ceará a ampla concentração de homens e mulheres na faixa que caracteriza menos de dois anos de tempo de serviço, caracterizando a elevada rotatividade na indústria cearense. Ao longo da década de 1990, aumenta ainda mais a rotatividade entre as mulheres, onde se verifica um percentual de 58,68% de trabalhadoras com menos de dois anos de permanência no emprego em 2000 (enquanto os homens mantêm essa participação relativamente estável). Observa-se, ainda, a diminuição da concentração de mulheres em faixas de serviço mais estáveis, como cinco anos ou mais de serviço.

A análise da remuneração da indústria cearense vem confirmar os estudos já existentes, onde se evidencia que a remuneração da mão-de-obra feminina é inferior à masculina (Tabela 9).

Isso está presente em todos os anos da década de 1990, na qual a remuneração média das trabalhadoras não chega a alcançar dois salários mínimos (com exceção de 1993 e 1995). Nessa variável, portanto, as mulheres enfrentam forte segregação em relação ao sexo masculino.

Faz-se necessário chamar a atenção que a grande maioria da mão-de-obra industrial cearense recebe níveis salariais extremamente precários². Porém, a situação das mulheres é ainda pior que a dos homens, já que se constata, em 1990, 58,38% de trabalhadores industriais recebendo entre 1 e 2 salários mínimos (contra 44,48% de homens). As péssimas condições salariais se agravam ainda mais nos anos 90, quando esse percentual atinge 69,09% no ano 2000. Observar que esses percentuais são significativamente maiores que os apresentados pela indústria brasileira. Na faixa de maior remuneração, apenas 3,38% das trabalhadoras recebiam acima de cinco salários mínimos em 1990, percentual que se mostra ligeiramente pior em 2000, passando a representar 3,28% (Tabela 10).

² Em 2000, cerca de 70% dos trabalhadores industriais cearenses estavam inseridos na faixa de remuneração igual ou inferior a dois salários mínimos apenas (VALOIS; ALVES, 2006).

**Tabela 9 – Ceará- Remuneração média por sexo na indústria
1990-2000 (em salários mínimos)**

Anos	Homens	Mulheres
1990	2,67	1,57
1991	2,86	1,75
1992	2,86	1,73
1993	4,11	2,88
1994	3,18	1,98
1995	2,96	1,75
1996	4,60	2,69
1997	2,99	1,73
1998	2,91	1,83
1999	2,71	1,72
2000	2,60	1,64

Fonte: RAIS

Tabela 10- Ceará – Faixa salarial por sexo na indústria – 1990-2000

Ceará									
1990					2000				
	Homens	%	Mulheres	%	Homens	%	Mulheres	%	
Até 1	7275	12,11	5811	15,84	10127	11,66	6820	11,48	
Entre 1 e 2	26949	44,88	21417	58,38	46937	54,02	41058	69,09	
Entre 2 e 3	10345	17,23	4658	12,70	12315	14,17	4273	7,19	
Entre 3 e 5	7131	11,87	1423	3,88	7297	8,40	3801	6,40	
Acima de 5	6098	10,15	1239	3,38	8369	9,63	1.949	3,28	
Ignorado	2.253	3,75	2.138	5,83	1.841	2,12	1.530	2,57	
Total	60.051	100,00	36.686	100,00	86.886	100,00	59.431	100,00	

Fonte: RAIS

Com isso, pode-se dizer que fazer com que o trabalho feminino seja financeiramente reconhecido é o maior desafio a ser enfrentado pelas mulheres, já que elas passam mais tempo na escola e estão intelectualmente melhor preparadas que os homens, e a tecnologia tem cada vez mais contribuído para que a força física não seja um empecílio para a entrada e ascensão das mulheres no mercado de trabalho industrial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto na década de 1990, na economia brasileira, o processo de ajuste imposto ao setor industrial se reflete na diminuição dos postos de trabalho feminino, no Ceará há um crescimento de emprego industrial para a mão-de-obra feminina, que cresce inclusive a taxas superiores às masculinas.

As mulheres cearenses ainda estão concentradas onde é tradicional a participação da mão-de-obra feminina; o grande destaque fica por conta do setor calçadista, que apresenta uma performance extraordinária na criação de postos de trabalho e onde é brutal a elevação da participação feminina. Porém, as trabalhadoras industriais começam a ser mais nitidamente acolhidas em redutos tradicionalmente masculinos, como a indústria mecânica, possibilitado pela maior automação nesses setores industriais.

Os fenômenos do envelhecimento da força de trabalho feminina e do aumento da escolaridade desse segmento, onde mulheres apresentam mais anos de estudo que homens, observados em nível nacional, também se repetem na indústria cearense. Porém, acompanhando

a tendência nacional, as disparidades entre os gêneros revelaram-se enormes quando se comparam os salários; observou-se que a representatividade feminina está maciçamente concentrada nas faixas salariais mais baixas. Além disso, a remuneração média das mulheres é inferior à dos homens em todos os anos da série analisada.

Desta forma, apesar das fortes dificuldades para o ingresso no mercado de trabalho, quando a mulher tem que enfrentar “dupla jornada de trabalho” e “a conciliação das esferas familiar e produtiva” (IKEDA, 2000), observa-se que a significativa incorporação da mulher no mercado de trabalho cearense não é acompanhada da diminuição das desigualdades salariais entre os sexos.

Logo, pode-se dizer que, na indústria cearense, o maior desafio para as mulheres ainda é igualar as remunerações com o gênero masculino. As mulheres ainda enfrentam barreiras significativas quanto à ascensão profissional e ganham sistematicamente menos que os homens, até quando ocupam cargos equivalentes, têm mais anos de estudo e enfrentam a mesma jornada de trabalho. Portanto, para que haja maior equidade entre homens e mulheres, é preciso que se implantem políticas públicas específicas que possam reduzir, ou até mesmo eliminar a discriminação entre os gêneros, visando garantir a valorização da mão-de-obra feminina industrial.

4 REFERÊNCIAS

BALTAR, Paulo Eduardo de A. Estagnação da economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil. **Economia e Sociedade**, nº 6, jun/1996, Campinas: IE/UNICAMP. 1996.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 10, 1996. Caxambu, MG, **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1996.

GONZAGA, Gustavo. Rotatividade e qualidade do emprego no Brasil. **Revista de Economia Política**, vol.18, nº 1(69), janeiro-março/1998.

IKEDA, Marcelo. “Segregação por gênero” no mercado de trabalho formal. In: Revista do BNDES, vol.7, n.13, junho/2000, Rio de Janeiro: BNDES, 2000.

MELO, Hildete. **O trabalho industrial feminino**. Rio de Janeiro: IPEA. 2002 (Texto para discussão nº 764).

VALOIS, Isabela da Silva; ALVES, Christiane Luci B. Caracterização do mercado de trabalho formal na indústria cearense durante a década de 90. In: MACAMBIRA, JR. **O mercado de trabalho formal no Brasil**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.
